

***Representando as relações raciais: as trajetórias dos militantes Veiga dos Santos e Correia***

***Leite nas décadas de 1920-1930***

***Maria Cláudia Cardoso Ferreira<sup>i</sup>***

José Benedito Correia Leite e Arlindo José da Veiga dos Santos atuaram em organizações do movimento negro existentes na cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX. Leite foi co-fundador do jornal *Clarim d' Alvorada* (1924-1932), primeiro periódico a assumir politicamente, no contexto da imprensa negra paulistana<sup>ii</sup>, o combate ao preconceito e discriminação racial contra o negro. E Veiga dos Santos, já conhecido na cidade por sua militância católica e monarquista, fundou junto com Correia Leite e mais alguns militantes, a Frente Negra Brasileira (1931-1934), principal organização do movimento negro existente entre as décadas de 1910 e 1950, se levarmos em conta o número de filiados e amplitude territorial alcançada.<sup>iii</sup> Arlindo foi quem primeiro presidiu a organização, ocupando o cargo de 1931 a 1934.

Percebe-se que os dois, na condição de intelectuais-militantes<sup>iv</sup>, foram organizadores, formadores e divulgadores de idéias que visavam minimizar os efeitos do racismo anti-negro naquela sociedade. A ampliação do espaço urbano e a inserção numa economia de base capitalista vivenciada na região Sudeste, mais particularmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo das primeiras décadas do século passado, possibilitou a expansão de alguns direitos básicos como educação, moradia, além de uma maior oferta de trabalho. No caso específico de São Paulo, a discriminação racial e a concorrência com os trabalhadores estrangeiros, atrelada a uma política de marginalização implementada pelo Estado, dificultava a ascensão sócio-econômica da população negra nas mesmas proporções que a branca.

Ainda assim, alguns indivíduos, em sua maior parte homens, puderam estudar, muitos já adultos, passando a ter uma ocupação profissional mais estável. Este grupo com o tempo se diferenciou do restante da população negra, pois adquiriu novos estilos de vida e novos interesses, desenvolvidos nos clubes dançantes e associações culturais negras que passaram a

existir. Desse ambiente cultural inovador que advêm os indivíduos que investigamos. Sujeitos informados, inseridos no contexto da nova sociabilidade construída no convívio com seus pares, foram capazes de desenvolver um tipo específico de ativismo pelo canal da imprensa negra.

Bastante jovens na época, não estiveram sozinhos nesta empreitada. Faziam parte do grupo dos intelectualizados. Alguns tinham formação correspondente com as funções que exerciam, exemplo de Veiga dos Santos formado em Letras e Filosofia pela Faculdade São Bento. Outros não, se tratavam de autodidatas, ou seja, indivíduos com parca formação escolar, mas que a partir das *redes de sociabilidade*<sup>v</sup> construídas, alcançaram um nível de abstração e análise da realidade capaz de torná-los intelectuais, caso de Correia Leite.

Usando as palavras como armas, lançaram mão de representações de todo tipo para tornar compreensível algum acontecimento, realidade distante ou então fazer valer a efetividade de uma prática política. Foram os periódicos negros e as atividades públicas realizadas pelas organizações que dirigiam, espaços privilegiados para medir suas capacidades de comunicação e liderança. Produto das interações sociais, tais representações eram resultado de um processo de mediação em que se relacionava a sociedade e o indivíduo, esse último alçado ao papel de porta-voz de uma coletividade.

Por conseguinte, através de representações sociais concebidas pelos próprios ou da apropriação de representações já conhecidas a partir de informações, imagens, opiniões, crenças, dentre outros, os militantes estabeleciam vínculos de comunicação com a comunidade negra não-militante. Enquanto conhecimento no senso comum, ou seja, mecanismo que explica e interpreta algo através de uma linguagem simples, de fácil assimilação, as representações sociais foram de vital importância, pois proporcionaram primeiro o diálogo entre os militantes e a comunidade negra e depois, a tomada de consciência de alguns membros do grupo.

Foi nessa perspectiva que em 1928, Correia Leite lançou a Campanha da Mãe-Preta. Símbolo na memória social da escravidão do trabalho realizado pelas amas-de-leite. A alegoria apareceria em diversos momentos nos jornais da imprensa negra, com o objetivo de sensibilizar a

população paulista em particular e brasileira em geral, para que se instituisse o Dia da Mãe-Preta e se construísse um busto em sua homenagem como dívida de gratidão pelos séculos de escravidão negra. Durante os anos 1930 a imagem da Mãe-Preta ou Mãe-Negra, como depois ficou sendo denominada, foi utilizada por outros militantes como mecanismo para lembrar a sociedade o trabalho compulsório negro. Por outro lado, no mesmo período, essa mesma imagem teria outros significados, nem tão positivos. Apresentaremos algumas dessas representações da Mãe-Preta dando ênfase especial, à maneira utilizada pelos ativistas negros.

### ***A campanha da Mãe-Preta***

Podemos pensar que a representação social constitui-se no resultado de práticas construídas por sujeitos coletivos conclamando os indivíduos a se unirem em torno de uma ou de várias ações grupais. A campanha em favor do monumento à Mãe-Preta foi encampada pelos militantes paulistanos, em especial os do *Clarim d' Alvorada*, com a finalidade de incutir na sociedade como um todo a idéia de que fortes laços afetivos uniam os descendentes de europeus e africanos no Brasil.<sup>vi</sup> Era a objetivação da cativa dedicada e afetiva que sustentou a nação "sem esperar nada em troca".

Em 1925, *A Notícia*, jornal carioca, publicou um artigo de seu diretor defendendo a fundação do dia da Mãe-Preta. Passaram-se alguns anos e o culto foi tomando forma, em especial na cidade de São Paulo. Surgiram solicitações no parlamento tanto estadual quanto federal reivindicando verbas públicas para a construção do monumento e estabelecimento da data festiva: 28 de setembro. Em 1928, ano que Correia Leite assumiu sozinho, a direção do *Clarim d' Alvorada*, após a saída de seu sócio Jayme de Aguiar, decidiu conferir mais ousadia e politização ao periódico. A primeira ação do jornal foi lançar a campanha em prol do monumento e do dia da Mãe-Preta na cidade. Segundo o próprio,

"seria feito um monumento à raça negra simbolizada na figura da Mãe-Negra. Esse monumento teria um pedestal e em volta seriam representadas todas as fases da participação do negro. (...) O governo federal daria 200 contos, que naquele tempo era muito dinheiro, e os estados iam contribuir com outra parcela."<sup>vii</sup>

A figura de uma mulher negra dando de mamar a uma criança branca, utilizada no número especial de setembro de 1928, foi uma objetivação construída pelos militantes negros que intentavam fixar o papel do negro durante a Colônia e o Império como o segmento racial responsável por sustentar, literalmente, o país. Tratara-se de um trabalho que representou o sacrifício do próprio corpo, caracterizado pela da mulher doando seu próprio leite, que numa analogia com outras representações, poderia significar o próprio sangue, ou seja, a vida doada ao branco.

As representações sociais estão diretamente relacionadas aos mecanismos da memória e a capacidade de comunicação humana. No exemplo dado acima, o sistema complexo que foi a escravidão negra no Brasil, reduziu-se a uma imagem que não esgotava as questões que envolveram o escravismo, mas que fornecia um emblema às reivindicações dos militantes negros organizados na busca por reconhecimento e cidadania plena.

É importante deixar claro que a opção que fazemos nesse trabalho pela análise das representações sociais não está preocupada em avaliar se as construções de conhecimentos sobre as amas-de-leite ou mães-negras que atuaram no Brasil escravista, estão certas ou erradas, e sim que, independentemente desse juízo, vale compreender que "sua construção por parte dos indivíduos, no senso comum, constitui um processo gerador de ações sociais a partir da visão de mundo e de concepções ideológicas e culturais que estão presentes nas relações sociais."<sup>viii</sup>

Assim, anos mais tarde, num artigo publicado em 28 de abril de 1934, no jornal *A Voz da Raça*, portanto, seis anos após a campanha liderada pelo *Clarim d' Alvorada*, Veiga dos Santos

citou a Mãe-Preta ao argumentar contrariamente a entrada do elemento estrangeiro e as políticas públicas operadas em seu favor no estado de São Paulo. Novamente a imagem da Mãe-Preta ancorava a da mártir, ofertada pela "Pátria Brasileira" em benefício dos patrícios brancos. Os brancos eram os estrangeiros e na visão do militante "ladrões do nosso trabalho e bem estar que a Pátria Brasileira dividiu generosamente com êles, dando-lhes mesmo a melhor parte (como no caso das mães pretas amamentando os patrícios brancos e deixando os pretinhos na mão!)(...)"<sup>ix</sup> Nessa objetivação a Mãe-Preta e seus filhos "os pretinhos", além de representarem o martírio do negro, ocupava no presente o lugar de todos os trabalhadores nacionais, sucessivamente colocados de lado em prol do trabalhador estrangeiro.

A maneira que a representação da Mãe-Preta foi ancorada por Correia Leite ou Veiga dos Santos, não deve ser entendida com mesmo significado e finalidade que as ancoradas por sujeitos que tinham outros pertencimentos identitários e ideológicos, inseridos em outras relações sociais e com outras utensilagens mentais. Em suma, a objetivação poderia ser a mesma, mas sua utilização bastante difusa.

No próprio ano de 1928, um intelectual chamado Couto Esher escreveu ao *São Paulo Jornal* declarando seu descontentamento com a campanha, pois discordava do culto à Mãe-Preta por não ver qualquer valor positivo da raça negra na formação da nacionalidade brasileira. O que foi prontamente respondido por Correia Leite.<sup>x</sup> Já para o Conde de Afonso Celso, a ama-de-leite mostrava quão menos bárbaros foram os negros que vieram para o Brasil, se comparados aos dos Estados Unidos. Aqui, as mulheres negras eram obrigadas a abandonarem seus filhos, mas nem por isso deixavam de se dedicar aos filhos dos outros. Na concepção do escritor, essa relação afetiva entre a Mãe-Preta e a criança branca funcionou como um dos impeditivos do preconceito de cor no país.<sup>xi</sup> Nessa mesma direção foi Gilberto Freyre. Para este, a Mãe-Preta representava o privilegiado "lugar" a que chegou o negro em nossa singular democracia racial:

"quanto às mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre

em pretalhonas enormes. (...) E dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre os brancos da casa, havia de supô-las senhoras bem-nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala.<sup>xii</sup>

Entretanto não é bem isso que nos mostra a documentação sobre o período escravocrata. Informações de escravas de primeira "cria", alugadas ou vendidas sem a "cria", relatos de amas contaminadas por meninos sífilíticos e da morte de seus filhos naturais, pois eram retirados do convívio materno e colocados na Roda, são recorrentes.<sup>xiii</sup> Em 1852, Charles Expily, explicou o lucrativo comércio das amas-de-leite: "uma ama de leite é alugada por mais de uma engomadeira, uma cozinheira ou mucama. (...) Entre os comerciantes da cidade é questão de amor-próprio ter uma ama de leite que ostente um luxo insolente".<sup>xiv</sup>

Mas voltemos aos anos 1930 e às ações de Leite. Nem o busto nem o dia foram instituídos naqueles anos. Com o passar do tempo, o Dia da Mãe Negra passou a ser comemorado junto com a data da abolição: 13 de maio. Somente em 1955, a estátua da Mãe Preta seria construída pela prefeitura de São Paulo, no largo do Paissandu, perto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Contudo, o feito não corresponderia à imagem pensada pelo militante no passado. Leite, um homem de seu tempo, inebriado pelo mito da democracia racial, deu o seguinte depoimento:

Por que fazer uma negra descomunal, quando todo mundo sabe que uma negra daquela não entraria na casa grande para dar mamá pra um filho do senhor, com aquele pé grande...? Eles cuidavam muito bem das mucamas. Precisava ser muito bonita, muito limpa, muito direitinha. (...) Isso é ignorância da história.<sup>xv</sup>

Como pudemos ver, negros e brancos em lugares distintos e com reivindicações muitas vezes antagônicas, partilharam representações análogas sobre a escravidão como nos mostra o exemplo da Mãe-Negra.

- 
- <sup>i</sup> Mestranda em História Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora Associada ao Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades Sociais – LEDDES/UERJ. Professora da Rede Municipal de Ensino – RJ.
- <sup>ii</sup> Cf. BASTIDE, Roger. *A Imprensa Negra no estado de São Paulo*. Estudos Afro-Brasileiros, São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. P.130 Denomina-se imprensa negra o conjunto de pequenos jornais realizados por negros e, preferencialmente, para negros desde os primeiros anos do século XX. No caso paulista, muitos jornais surgiram ligados às associações negras, fundadas com a finalidade de proporcionar espaços de sociabilidade e lazer voltados ao segmento negro que se sentia discriminado na maioria dos clubes e associações organizados pelos brancos. Tratava-se de uma "imprensa adicional" que cuidava do ambiente sócio-cultural negro que não recebia atenção da imprensa geral. Ver também FERRARA, Mirian. 1973. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1969)*. São Paulo: Edusp.
- <sup>iii</sup> Segundo MAUES, Maria. *Negro sobre negro: a questão racial no pensamento das elites negras brasileiras*. Tese de doutorado em sociologia, IUPERJ, Rio de Janeiro. 1997, citou o número de seis mil fretenegrinos em São Paulo e dois mil em Santos. No entanto, se levarmos em conta as entidades do interior de São Paulo e dos outros estados que existiram Frente Negra esse contingente pode ter sido bem maior. Sobre o assunto ver também QUILOMBOHOJE. (org.) 1998 *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. Entrevista e textos: Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombohoje/Fundo Nacional da Cultura. & MOURA, Clóvis. 2004 *Formas de resistência do negro escravizado e do afrodescendente*. In: K. MUNANGA (org.) "O negro na sociedade brasileira: resistência, participação e contribuição" vol.1, Brasília: Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares e CNPq.
- <sup>iv</sup> Conforme pensado por GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*, trad. Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Círculo do Livro. S/d e mais recentemente por SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René (org.) "Por uma história política", Rio de Janeiro: editora UFRJ/FGV. 1996.
- <sup>v</sup> SIRINELLI, 1996:248 O autor inclui as revistas, a mobilização em torno da feitura de um abaixo-assinado bem como os "salões" como estruturas de sociabilidade construídas ou freqüentadas pelos intelectuais franceses. No caso dos intelectuais-militantes que investigamos, apontamos a organização dos jornais negros, os bate-papos nos bares e esquinas, as associações de vários tipos e a existência dos "bailes negros" como as redes de sociabilidade negra.
- <sup>vi</sup> ANDREWS, George. *Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)* trad. Magda Lopes; Bauru, SP: EDUSC. 1998 p.336
- <sup>vii</sup> LEITE, José Correia. 1992...*E disse o velho militante José Correia Leite*, CUTI, Luís Silva, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. 1992, p.97-98
- <sup>viii</sup> SILVA, Sérgio L. Senso comum, cotidiano e conflito: elementos para um estudo das representações sociais da política nos movimentos populares. In: "Movimentos Sociais, produção e reprodução dos sentidos". Org. FONTES, Breno S; Recife: Editora Universitária, UFPE. 1999
- <sup>ix</sup> Veiga dos Santos, "Marchando", *A Voz da Raça*, ano II, 28/04/1934, p.4
- <sup>x</sup> LEITE, "A nossa raça é uma raça mestiça e superior", *O Clarim d' Alvorada*, nov/1928, no.10, Segunda fase. P.2 Leite escreveu esse texto publicado no *São Paulo Jornal* e *Clarim d' Alvorada* para rebater as críticas do Dr. Couto Esher ao culto da Mãe-Negra em São Paulo.
- <sup>xi</sup> LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 5ª edição. São Paulo: Ática. 1992, p.197
- <sup>xii</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Ilustrações e cores de Cícero Dias; desenhos de Antônio Montenegro. 34ª edição. Rio de Janeiro: Record. 1998, p.352
- <sup>xiii</sup> Cf. GIACOMINI, S. *Ser escravo no Brasil*, **Estudos Afro-Asiáticos**, Universidade Cândido Mendes, nº 15, 1988, pp.145-170.
- <sup>xiv</sup> Citado por SILVA, Marilene. *Tramas femininas no cotidiano da escravidão*, **Labrys, estudos feministas**, jan/jul.2004. <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys5/textos/marilenabr.htm>
- <sup>xv</sup> LEITE, José Correia. ...*E disse o velho militante José Correia Leite*, CUTI, Luís Silva, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. 1992, p.99